

# NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

**ODILON NOGUEIRA DE MATOS**

Departamento de História da Pontifícia

Universidade Católica de Campinas

ANO XII — Nº 98

JAN./MARÇO/1980

## COMENTÁRIOS

### RAZÕES DE UM "ÊXITO"

Odilon Nogueira de Matos

Foi com indizível alegria e — por que não o dizer? — até com emoção que vimos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo darem destaque especial à participação que tivemos numa mesa-redonda sobre a pesquisa histórica, por ocasião do X Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, realizado em Niterói, no mês de julho do ano passado. Alguns amigos e colegas que lá não estiveram mostraram-se interessados em conhecer as razões do que gentilmente chamaram de “nosso êxito”. Não houve mistério algum. Não falamos nada de mais. Não fomos subversivos, não criticamos as autoridades constituídas, não procuramos destruir a ordem vigente, não atacamos gregos e troianos, enfim nada daquilo que daria Ibope a um eventual candidato de oposição . . . E, num campo mais específico, também não nos voltamos contra os grandes mestres do passado, como está muito em moda entre os novos “donos” da História e nem procuramos destruir tudo quanto se fez até agora, como se fôssemos capazes de criar alguma cousa para substituir o que já existe. O

que fizemos foi simplesmente tocar em alguns pontos sensíveis, que estão no consenso de todos os que se dedicam aos estudos e, particularmente à pesquisa histórica, mas que nem sempre são ressaltados, de modo que parecem, quando ditos, verdadeiros “ovos de Colombo”. Que são sensíveis e evidentes, prova-o o assinalado “êxito” registrado pela imprensa carioca, fluminense e paulista. E dois foram os pontos abordados:

Em primeiro lugar, o pouco interesse que a Universidade brasileira, de modo geral e sempre com as honrosas exceções que felizmente existem, vem demonstrando pela publicação das teses que ela própria obriga seus docentes elaborar para efeito de carreira. Dá pena, realmente, constatar que trabalhos valiosos, que demandaram anos e anos de pesquisa, com despesas incalculáveis para os seus autores e que honrariam a bibliografia científica de qualquer país do mundo, sirvam apenas para o cumprimento de um dispositivo regulamentar, pois terminada a sessão solene de apresentação dos trabalhos, em que quase sempre são aprovados com distinção e louvor, “mergulham no sono da gaveta”, como ainda há pouco dizia o Professor José Arthur Gianotti num congresso de Filosofia. Como nem sempre as editoras particulares por elas se interessam (dado o caráter pouco comercial dos temas), caberia à Universidade promover as publicações, para que tantos esforços não se percam e para que a cultura nacional deles se beneficie em alguma cousa. A secretaria da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (para citar apenas um exemplo) mandou cobrir todas as suas paredes com imensas estantes do chão ao teto apenas para a guarda das teses defendidas na instituição. “Estantes do saber inútil”, eis o que se nos afiguram, pois ninguém se beneficia da imensa sapiência ali depositada... E as teses não impressas, simplesmente mimeografadas, restringem-se a uma divulgação exígua: apenas os autores, os examinadores e alguns amigos privilegiados a quem os autores eventualmente ofereçam um exemplar. É pouco, muito pouco como resultado de tantas exigências.

O segundo ponto, de que também já temos tratado em diferentes ocasiões, dizia respeito à inexistência de condições para a pesquisa histórica, dada a falta de uma conscientização em torno do valor dos arquivos, e especialmente a desigualdade em que os pesquisadores brasileiros se encontram face aos estrangeiros, muito mais amparados que os nossos pelas suas universidades. E o resultado é o enriquecimento cada vez maior da bibliografia estrangeira sobre a história brasileira, pois eles têm a seu favor o interesse de suas escolas na divulgação de seus trabalhos de pesquisa. Não somos contra os historiadores estrangeiros que cuidam de nossa história. Ao contrário, temos sido sempre prontos em louvar-lhes as realizações e em delas aproveitar sempre que necessário. Contamos entre eles exce-

lentes amigos, que reconhecem nosso trabalho à frente desta modesta publicação, fazem questão de recebê-la e reclamam muito mais que os brasileiros quando eventualmente ocorre atraso em algum número. Somos gratos a muitos deles por vários motivos. Não se trata, pois, de atitude xenófoba. O de que se cuida é fazer com que nossas universidades, dêem a seus docentes ( quando em pesquisa para suas teses ) facilidades iguais às que os nossos colegas estrangeiros recebem de suas instituições. Parece-nos um verdadeiro milagre que os professores universitários brasileiros consigam produzir alguma coisa sem dispensa de suas aulas, sem amparo monetário ( salvo os raros casos de bolsistas ), sem auxílio material de qualquer espécie por parte de suas universidades ( que às vezes não lhes dão sequer uma folha de papel ), sem facilidades para viagens quando obrigados a pesquisas fora de suas cidades, enfim sem condição alguma propícia ao trabalho, mais agravado ainda quando se trata de professores que, além da Universidade, têm de se desdobrar no ensino médio ou em qualquer outra atividade.

Haveria um terceiro ponto, mas este foi magnificamente retomado por Ernani da Silva Bruno em artigo na "Folha de São Paulo" e que transcrevemos em o último número desta publicação — **História de uma nota só** — referente à monotemática que até há pouco caracterizava a historiografia brasileira, mas felizmente superada. Merece lida o artigo de Ernani Silva Bruno, que reflete sua vivência de experimentado pesquisador e de historiador realmente compenetrado das verdadeiras funções da História. Vêem, pois, os leitores, que se "êxito" houve no que falamos em Niterói, foi tão-só por termos tocado em pontos que realmente estão no consenso de todos. Nada mais.

\*

**FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN \***

Tito Lívio Ferreira

Há quase cem anos, em Viena da Áustria onde exercia as funções de Embaixador do Brasil, a 29 de junho de 1878, falecia Francisco Adolpho de Varnhagen, Paulista de Sorocaba, o pai da História do Brasil. Ministro plenipotenciário do Império Brasileiro, Francisco Adolpho de Varnhagen, barão e depois Visconde de Porto Seguro, nascera em 17 de fevereiro de 1816, na freguesia de São João de Ipanema, município de Sorocaba da então Província de São Paulo, quando o Vice-Reino do Estado do Brasil, elevado a Reino por D. João VI, o rei luso-brasileiro, integrava o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, desde 16 de dezembro de 1815. Era o terceiro filho do sargento-mor, depois tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen e de sua esposa D. Maria Flávia Sá Maga-

(\*) Conferência pronunciada em 10 de outubro de 1973, pelo então Presidente da Academia Paulista de História, na Biblioteca Pública Municipal "Mário de Andrade", de São Paulo, iniciando a série de orações sobre os patronos da Academia.